

Bolso mais cheio

(ALÍCIA ALÃO)

RENDA

Classe alta no Sul do país teve a segunda maior ascensão do Brasil

O povo brasileiro está ganhando mais dinheiro. Pelo menos é o que revela uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgada ontem. Metade da população da Região Sul é considerada de classe alta e teve a segunda maior ascensão social do país, entre 2001 e 2008.

Na Região Sul, cerca de 1,1 milhão de pessoas (18,1% da população do Sul) passaram a ganhar mais de um salário mínimo, considerado o estrato social mais alto pela pesquisa. É a segunda região que mais ascendeu socialmente, atrás do Sudeste (51,2%, ou 3,1 milhões de pessoas), e a que menos tem menos gente na base inferior (14,1%). A operadora de caixa Verônica Araújo Oliveira, 23 anos, é um exemplo. Ela passou a ganhar mais nos últimos três anos. Mãe de dois filhos, trabalha desde os 14 anos. Em 2006, ganhava cerca de R\$ 380, agora recebe entre R\$ 600 e R\$ 650. A operadora começou a cursar a faculdade de Administração, mas não conseguiu terminar. Mas ao observar as roupas de uma loja com os preços “mais em conta”, diz que o salário ainda não está como gostaria.

No país, 18,6 milhões de pessoas ascenderam socialmente em três anos: 7 milhões de indivíduos ingressaram no segundo estrato de renda e 11,5 milhões de pessoas transitaram para o estrato superior de renda.

O estudo usou como fonte os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE.

O critério usado pelo Ipea para a divisão de classes sociais considera que pessoas com rendimentos até R\$ 188 mensais estão na base da pirâmide social, entre R\$ 188 e R\$ 465 está a classe intermediária e quem recebe mais de R\$ 465 está no estrato superior da renda.

Ou seja, os que recebem mais de um salário mínimo são a elite do país, de acordo com o Ipea. A divisão dos estratos sociais foi elaborada pelo instituto, que utilizou critérios próprios no levantamento.

Critérios diferentes para classes sociais

O diretor da Fundação de Estudos e Pesquisas Sócio-Econômicas, Guilherme Júlio da Silva, vê estranheza no critério adotado pelo Ipea.

– Pelo aquecimento da economia, houve uma melhoria, estão até revendo índices de crescimento. Mas certamente um salário mínimo não indica classe média alta.

A assessoria do instituto explica que é preciso considerar que a situação econômica do Norte e Nordeste é bem diferente do Sul e Sudeste e essa divisão adotada revela a ascensão social dos mais miseráveis. Tanto que no Nordeste 46,4% da população ganhava até R\$ 188 mensais em 2008, número que diminui em relação a 2001, quando a proporção era de 57,2%.

As regras adotadas pelo Ipea divergem da Fundação Getúlio Vargas, que considera classe AB quem tem renda domiciliar superior a R\$ 4.807, classe C entre R\$ 1.115 e 4.806, classe D entre R\$ 768 a 1.114 e classe E quem tem renda domiciliar inferior a R\$ 768.

Mesmo com diferentes parâmetros e adotando como fonte os dados da PNAD, a FGV também divulgou estudo, em setembro deste ano, afirmando que cerca de 32 milhões de brasileiros subiram de classe social, entre 2003 e 2008. O IBGE, que realiza a PNAD, faz a divisão por classes de rendimento, por salário mínimo.